

# linhas

#8 2016

revista  
sobre **cultura**  
**eletroacústica**

# sumário

**03** **editorial**  
Alessa e Flora Holderbaum

**05** **vinyl terror & horror – deconstructed turntables and cut-up records**  
Henrique Iwao

**10** **mostra sonora floripa-sc ciclo internacional de compositoras**  
Iara Germer

**14** **ateliê — criação com sons**  
Daniel Puig

**20** **inside electrocamp: relato e entrevista com johann merrich e marianna andrigo**  
Isabel Nogueira e Luciano Zanatta

# editorial

Alessa e Flora Holderbaum

---

Salve geral!

A linda deu uma atrasada, mas nada que desvie a rota de nosso barco no oceano sonoro das coisas. Furar as ondas bravas dos afazeres cotidianos é a única maneira de alcançar novos mares, uma busca contínua de (in)significados.

Nesta edição #8 temos nossos colunistas capitães guiados por estrelas Polares, Cruzeiros do Sul e Três Marias. O pirata Henrique Iwao continua garimpando novos sons, desta vez os mares nórdicos levam nosso colunista à Dinamarca, com Vinyl Terror & Horror da dupla Camilla Sorensen e Greta Christensen e o disco Deconstructed Turntables and Cut-Up Records.

Depois da série de entrevistas com personalidades da música experimental no Brasil, Daniel Puig começa seu ateliê de criação com sons e revisita estas conversas a partir de sua subjetividade.

Nossos colunistas siameses, o duo Isabel Nogueira e Luciano Zanatta escrevem suas experiências no Electrocamp, festival italiano de música experimental. Navegadores mercantes que são, contam a experiência italiana em produção de música experimental.

Emanando muita energia e sal do mar, este mês a linda recebe como colunista colaboradora, direto de Florianópolis, a poetisa e compositora Iara Germer, que nos brinda com o relato da mostra Sonora Floripa-SC, Ciclo Internacional de Compositoras, que aconteceu entre 18 e 22 de outubro naquela bela ilha.

E por esses mares e ares temos também traços e cores, além de sons! A linda recebe este mês a série de desenhos miss sound system de Leila Monseguir.

Então linda à vista...

E à escuta!

Sonoras leituras! Até a próxima!



# vinyl terror & horror – deconstructed turntables and cut-up records

Henrique Iwao

---

Resenha ao entorno de Deconstructed Turntables and Cut-Up Records | RAM-K77  
Salon Bruit, de Vinyl Terror & Horror, 2012: Audition Records, [ar081].

1. Para começar de um modo diferente, devo dizer que não consegui ter acesso ao álbum *Moviethemes*, de 2010, da dupla formada pelas dinamarquesas Camilla Sørensen (Terror?) e Greta Christensen (Horror?). De modo que precisei confiar no site oficial das mesmas, junto a algumas entrevistas. O lado B do LP estava lá, como aqui está, disponível, em um mp3 de qualidade baixa. (e de certa forma, eu gostaria de ter escrito sobre ele, especificamente).

2. Em Porto Alegre, quando toquei na série *Medula Convida*, organizada por Luciano Zanatta e Isabel Nogueira, Peter Gossweiler lembrou, em um contexto bastante diferente, mas também envolvendo colagens musicais, que não se tratava apenas de uma questão de significado e referência, mas também de imagem. E eu senti que podia escrever algo, ainda que rudimentar, sobre isso.,p>

3. Tempos atrás, lembro de ter ficado irritado com comentários de facebook sobre um vídeo do duo que apareceu não identificado: é que na fala de muitos transparecia uma questão de gênero – é claro que christian marclay e otomo yoshihide são “caras”; mas, conhecendo a procedência, me incomodou

o imaginário não evocar sørensen e christensen como “minas” (ter de polarizar a existência sexualmente informe dos fazedores de sons – no vídeo, elas não apareciam – nos pólos homem e mulher para depois perceber a importância de afirmar que eram mulheres). E enfim, me ocorreu que eu deveria chamar a atenção das pessoas para o fato de que destruir, riscar, rabiscar, cortar, virar, suturar, contundir, chacoalhar, concussionar, esburacar, hibridizar, escarificar, fundir, fusionar, saturar, sobrepor, inclinar, pontuar, alternar, obliterar, sulcar, loopar, extrair, apagar, combinar, repetir, iterar, permutar, descentrar, lascas e encaixar discos de vinil não era algo que dizia muito, a meu ver, sobre o espinhoso tema das diferenças de gênero na música experimental. (isto é, não era um problema de representação, mas de ampliação do campo dos possíveis.)

<https://vimeo.com/34338112>

4. Entretanto, ao reler meu artigo “Uma Trajetória para o Toca-Discos e os Seus Discos”, de 2012, pude perceber então que não conhecia o duo na época, muito embora elas apontem para uma consolidação de um trabalho entre a escultura e a música que se esboça com a música quebrada de Milan Knizac (1963, com o álbum compilado Broken Music de 1979) e se desenvolve na obra de Marclay durante a década de 1980. Ademais, o artigo não chega nem ao menos a citar artistas mulheres (a ausência de Marina Rosenfeld, por exemplo, me incomodou). O que eu quero dizer com isso: felizmente, o imaginário está começando a mudar. Um pouco como aponta o coletivo Laboria Cubotniks (com algo do tipo: “que isso seja uma questão é uma questão”).

5. Falei de escultura e ambas as integrantes estudaram essa prática durante a estadia na Academia Real de Arte da Dinamarca, encontrando-se em 2001. E desenvolveram essa abordagem que comunica a formação de torres e andares de discos com a passagem de uma textura a outra, como em estágios, ou empilhamento de sonoridades, montando cenas com sobreposições, mas

sempre de modo cristalino, combinado. O som, ao contrário do que se poderia esperar, não é cacófono: o terror dos vinis talvez seja mais a angustia de seu desmembramento e condição (a lá frankenstein), do que da sua composição em um todo (contra o vocabulário jornalístico do artigo na vice).

“Em uma filipeta em um dos shows”, relata Sørensen, “nós vimos uma descrição escrita abaixo dos nossos nomes do que fazemos: vinyl terror. Nós adicionamos o horror só porque somos um duo – então uma de nós poderia ser o terror e a outra o horror.”

6. Um vinil em si já é algo esculpido em sulcos e vales, micro montanhas, pequenos planaltos de silêncio. Sua espiral pode ser acentuada. Saltos criam repetições, pontuações bruscas, interrupções aprisionam os sulcos em laços. Um vinil, ademais, depois de Knizac, evoca todo um cubismo: grafia e ponto de vista se estendem na simultaneidade da visão e na contração da indicação de proveniência, quanto da escuta. Não um deslizar de obliterações devido a platitudes de um desenho (na colaboração de Otomo Yoshihide, Mats Gustaffson e Ozeki Mikito), mas a constatação da dificuldade dos múltiplos caminhos em uma única trajetória, das múltiplas quebras em um objeto, das imprecisões do fragmentário.

<https://vimeo.com/31719801>

7. A música constrói cenas, pacientemente: há uma escolha deliberada por não usar sons que trouxessem etiquetas de marca (hits, coisas que pudessemos reconhecer especificamente, saber o nome). As colagens favorecem o pastiche e aproveitam a generalidade que vem com tipos e clichês. Os loops diversos, geralmente iniciados com algum ruído resutante da fricção da agulha com os acidentes preparados, estabelecem ritmos base; sua ida e volta facilita a escuta das mudanças e das sequências.

Algumas pessoas trabalham muito tecnicamente com o instrumento, fazendo scratches. Nós tocamos mais emocionalmente, em certo sentido. (...)

Nós contamos histórias, embora abstratas. A música é muito visual, não num sentido material mas porque faz referência a diferentes situações, como o cenário em uma ópera ou filmes de terror. Nós podemos não evocar imagens concretas, mas evocamos uma tensão geral.

8. Ao vivo, fisicalidade e manipulação tornam-se mais evidentes: os gestos compõe cenas de assaltos, momentos de desestabilização controlada.

9. Quando falamos em imagem, muitas vezes esquecemos que a palavra pode tanto referir-se a uma imagem visual quanto a uma imagem sonora. O essencial é que possamos agrupar num todo, usando um ou mais sentidos, elementos diversos. A propriocepção, por exemplo, nos dá uma imagem de nosso corpo segundo certa circunstância. Um som de água caindo nos dá uma imagem de uma situação: chuveiro, não porque vemos a cortina branca que indica o ato de tomar banho, mas porque, no que é sonoro, confirmamos com nossa escuta o que foi indicado de modo bastante direto.

<https://vimeo.com/156172437>

10. um objeto é algo com uma ênfase ativa. A imagem é formada – ela se forma na nossa percepção para a contemplação e não para a manipulação. Ao invés de entrarmos num território em que a escuta analisa, recorta, retoma e varia, adentramos a esfera da impressão, conservando-a vaga, paramos para a sensação; a imaginação que borra e preenche uma coisa aqui e ali. Dentro dessa formação perguntamo-nos “o que aconteceu?” muito mais do que “o que foi feito?”, “em que situação estou?” ao invés de “com qual elementos entro em contato?”.

11. Quando usamos o termo referencialidade, indicando extra-referencialidade, traçamos um interior e um exterior, colocando ainda a música como auto-referencial, embora esta seja atravessada, flechada, esburacada, pelo mundo. Com a imagem a relação com a dita cultura é mais direta, tanto na evocação de redes de significados, como de afetos circunstanciais específicos.

12. Quando o olho não domina a cena, é clichê que a imaginação visual volte-se em vingança e, provocando insegurança, tente-nos a elaborar calamidades. Por isso o “ouvido como órgão do medo” (Nietzsche, Aurora §250). Disso, Vinyl Terror & Horror mostram um pastiche, trechos de medo dominado, uma apreciação da bobagem de nossa insegurança. Na claridade de uma situação de instalação em que uma imagem confirma a outra, mas ambos apresentam-se isentas de qualquer perigo ou exaltação, é possível contemplar: engenho, humor, clareza; quem sabe até imaginar, de modo calmo, pseudo-atrocidades.

# mostra sonora floripa- sc ciclo internacional de compositoras

Iara Germer

---

O que dizer quando o universo conspira para que se encontrem 13 mulheres obstinadas, com uma idéia sensacional e sem nenhum tostão? Pois é, parece difícil, só que não!

Há pouco mais de três meses – era início de julho – vi uma agitação pelo Facebook, algo que envolvia mulheres, composições, um pipocar de informações de que haveria um ciclo internacional de compositoras, acontecendo em São Paulo, Natal, Lisboa, Belo Horizonte, Barcelona, Porto Alegre e mais outras tantas cidades. Chamava-se Sonora-Ciclo Internacional de Compositoras.

Curiosa que sou, me apressei a perguntar pra uma querida amiga, a cantora Joana Knobbe, que mora em Natal, porque o tal ciclo aconteceria em várias capitais e não aqui em Florianópolis. Ela prontamente me explicou que era um movimento, sem patrocínio, sem edital, só com a vontade de realizar e que se eu quisesse era “só fazer”! Aí que aquele “só fazer” me deu uma comichão e, tomada pelo desafio falei com minha querida amiga violinista Florinha Holderbaum, que já tinha ouvido algo a respeito. Bom, nos encontramos num café para esquadrihar o que faríamos – meio perdidas, mas com uma vontade danada de tornar real uma idéia maravilhosa – um encontro de compositoras em Florianópolis.

Mensagens trocadas com algumas das muitas compositoras que temos no estado, e voilá – estávamos com uma primeira reunião marcada pra 11 de julho na Escola de Música Compasso Aberto, para darmos início a uma verdadeira saga, um trabalho intenso, diverso, gratuito, colaborativo, inclusivo, amoroso, musical, que mexeu profundamente com todas que se envolveram na produção. Sim, porque foi um trabalho gigantesco, e mesmo assim não deixamos de cuidar dos nossos, não deixamos de trabalhar, de estudar, de cantar, de compor, enfim, de seguir com nosso cotidiano.

Para minha grata surpresa, na primeira reunião conheci a violoncelista Camila Durães, que participa de um grupo feminista de São Paulo, também chamado Sonora, que também já tinha conhecimento do evento e estava buscando realizar o “nosso” Sonora Ciclo Internacional de Compositoras aqui em Floripa. Juntamos então a fome com a vontade de comer, do que viria a ser, e foi, um farto e saboroso banquete, o nosso banquete autoral!

Digo “nosso”, porque realmente é nosso! Nos apropriamos, diversificamos, ampliamos, fizemos do nosso jeito, e foi transformador! A Mostra Sonora que apresentamos contou com a participação direta na produção das grandes artistas Tânia Meyer, Claudia Passos, Ivanna Tolotti, Renata Swoboda, Ne Ga, Sueli Ramos, Bia Rodrigues, Gracie Faraco, Julia Muniz, Flora Holderbaum, Camila Durães e Tatiana Cobbett, algumas que eu já conhecia e outras que tive o prazer imenso de conhecer, que me deram a honra de poder trabalhar e aprender com elas.

E aí fez-se a mágica! Abrimos inscrições, tivemos o expressivo número de 33 inscritas – foram 29 compositoras e 4 intérpretes! Sim, ampliamos para intérpretes, por entender que são as intérpretes que multiplicam as composições, que as tornam conhecidas e que dão sua marca pessoal às canções!

E tivemos duas noites incríveis de Mostra de Palco, no Teatro Pedro Ivo, apresentando uma produção autoral extremamente rica, diversificada e de alta

qualidade, seguidas de dois dias com Fóruns Temáticos no Museu da Escola Catarinense, em que foram abordados temas como educação musical e gênero, acessibilidade às composições de mulheres e representatividade das mulheres compositoras em Santa Catarina.

Encerramos com uma mostra audiovisual de videoclipes e documentários seguida de debate com os cineastas envolvidos, tudo permeado por apresentações musicais. Para coroar o encerramento, saímos em cortejo pela cidade com o Bloco Cores de Aidê, formado somente por mulheres e fomos ao encontro do grupo feminino de rap Batalha das Mina.

Durante os três intensos meses de preparação dos cinco dias da nossa Mostra, como disse Tatiana Cobbett, nos conhecemos, nos reconhecemos, nos enfrentamos, nos reconciliamos, e permaneceu em nós uma profunda admiração pelas nossas companheiras de ofício, porque sim, a arte transforma, a arte é maior do que pequenos desejos individuais, pela arte e para a arte vivemos; sem a arte para nos dar o alento e o impulso, nada faz sentido! Somos mulheres, somos artistas e arteiras, somos criativas e criadoras, somos a soma e a multiplicação de nossas vivências!

Gratidão às grandes artistas: Ana Paula da Silva, Camila Durães, Sueli Ramos, Cláudia Passos, Tânia Meyer, Natália Livramento, Julia Peixoto, Ivana Saraçol, Julia Muniz, Dayana Nuñez, Silvia Abelin, Cláudia Barbosa, Bruna Nogueira, Ivanna Tolotti, NêGa, Jana Gularte, Tatyana Jacques, Silvia Beraldo, Ive Luna, Victoria Aftalion, Renata Swoboda, Denise de Castro, Luana Mockffa, Srta. V, Larissa Poeta, Susi Brito, Bárbara Vasques, Dandara Manoela, Flora Holderbaum, Letícia Coelho, Tatiana Cobbett, Johanna, Gracie Faraco, Côres de Aidê, Prika Lourenço, Kia, Batalha das Mina, sem vocês nossa Mostra não seria o que foi!

Gratidão a todos os músicos parceiros que toparam nos acompanhar, sem cachê, porque não tínhamos dinheiro, apenas conseguimos arrecadar através

das inscrições e do crowdfunding Vakinha o mínimo para pagar a sonorização, a assessoria de imprensa e o registro em vídeo, além da reserva do teatro. Sem vocês, nossa Mostra não seria o que foi!

Valeu cada segundo, quero tudo de novo, as reuniões intermináveis ao redor da mesa, o laptop veloz da Cacá, as mil idéias da Tatá, a energia zen da Tânia, Florinha e Cláudia Passos, as brincadeiras da Renata, o afeto da Sueli e da Bia, o senso prático da Ivanna, a prontidão da Julia e da Gracie e o axé da NêGa, o zumzum da coxia, os encontros e reencontros dos músicos nos camarins, a entrega e os aplausos da plateia atenta! Bora pensar no Sonora 2017!

“O que a gente quer  
É um pedaço de chão  
Mais amor menos guerra  
É ter nosso quinhão, nessa vastidão  
O que a gente quer  
É ter pão sobre a mesa  
É o brilho nos olhos  
É mais delicadeza, nessa vastidão  
O que a gente quer  
É sair por aí  
Com a certeza da volta  
Para sermos iguais, nessa vastidão”

# ateliê — criação com sons

Daniel Puig

---

Começo hoje na linda uma série acerca do que tenho chamado de ateliê, onde se dá o trabalho criativo com os sons. Pretendo centrar os textos em três pólos: corpo, tempo, técnica, tecendo-os nas suas interfaces com a escuta, performance, notação.

Neste primeiro texto, tento descrever o que é esse ateliê. por consequência, a tentativa de deixar claro quais seriam os pressupostos dessa descrição, a base conceitual onde ela se apóia. Quando bem jovem, encontrei um livro em que o autor abordava o tema na perspectiva da ‘genialidade’ de certos criadores como modelo para um processo criativo. invariavelmente homens europeus. Talvez por vir de uma epistemologia que admite creditar ao ‘dom’ a explicação essencial da arte, passei a desconfiar dessa abordagem e procurei alternativas. muitas vivências e leituras trouxeram e amadureceram a ideia de que não há dom, mas exploração, exercício e dedicação; não há genialidade, mas um conjunto de habilidades que podem ser desenvolvidas por cada um/a de nós e das quais emergem soluções inovadoras para problemas complexos; não há modelo de como seguir, mas o próprio caminho, que se faz no instante, e que deixa suas marcas poéticas perceptíveis, vivas.

O tema é uma das tendências de estudo perseguidas ao longo dos anos. Como entender o que se dá no processo de criação? Quais as relações entre as notações, anotações, diagramas e o experimento direto no som, a imaginação sonora, a escuta? Qual o papel do corpo nesse processo? Como funciona a interação com outras linguagens artísticas? Qual sua relação com o contexto cultural,

epistemológico? Qual o papel do tempo? Qual o papel dos materiais, suportes, formatos? Como se dão as transições entre diferentes movimentos, intensidades, consistências, persistências, inter-relações nesse/desse/para esse processo?

Na última pergunta acima, há um zoom-zigue-zague nas palavras. A observação de processos é uma característica desse ateliê. Ao longo do tempo entendo cada vez mais que ela é essencial, por diversos motivos, que tentarei abordar nos textos. No entanto, basta lembrar que o som se dá no tempo — ou melhor, no espaço-tempo — e portanto é um exemplo daquilo que temos chamado de processo. O zoom se dá na vivência do processo como um todo, no processo. O zigue vem com a observação, de observador implicado, mas que reconhece o que vem do processo. O zague, de quem atua para o processo, faz parte dele, decide e age.

Nas conversas para a coluna que mantenho até agora na linda (apesar de mais esparsa, está ativa com a ajuda do coletivo nme e seguirá em novas conversas), sempre tentei perguntar algo sobre o processo de criação. As respostas foram as mais variadas e surpreendentes em muitos casos. Na conversa com Denise Garcia, ela se refere a um ‘outro’ conservatório:

*A eletroacústica surgiu primeiro como uma descoberta de escuta individual, minha. Começar a acordar e ouvir sons... Ouvir as estruturas, aliás. Não era nem o som, sabe. O som do passarinho a gente ouve desde que nasceu, a água, tudo, essas coisas. Mas, perceber que isso tinha uma estrutura específica dentro da natureza, e que essas estruturas sonoras não tinham nada a ver com a estrutura musical culturalmente desenvolvida, foi um fascínio pra mim. A sensação que eu tinha é que eu tava fazendo um novo conservatório. Essa é a palavra mesmo, que eu lembro de ter pensado. Foram alguns anos de descobertas, de fascínio, de ouvir, de gravar — maravilhoso, né?*

Me reconhecia nas palavras de Denise :) O ateliê sonoro é o espaço-tempo onde são possíveis essas e outras experimentações e estudos sistemáticos.

Organizados de maneira autônoma, autodidata. Também aquele que se deixa afetar e se torna habitado por algo que lhe transforma e é transformado. E se expressa nesse/por esse processo. Didier Guigue nos diz dessa estratégia:

*Como já te falei anteriormente, não formalizo a minha estratégia composicional. De forma mais, bastam as minhas pesquisas no campo da musicologia sistemática [risos]. Geralmente, parto de algum 'objet trouvé' (um som qualquer por aí gravado, meu ou disponível na net) ou de experimentos avulsos, programando sintetizadores, criando sons complexos e evolutivos, que possam sugerir alguma estruturação musical per se.*

É um processo de criação onde o desejo está implicado, do qual fala também Fernando Iazzetta:

*Acho que o processo reflete um pouco de desinteresse em relação a compor uma obra, no sentido fechado, e um interesse maior na ideia de experimentação. Acho muito divertido você criar coisas, criar patches, criar instrumentos, inclusive fisicamente — gosto de trabalhos manuais, de ações que são manuais, tanto de tocar, mas também de serrar uma madeira, colar, pregar, soldar —, se você conseguir juntar essa questão elétrica, física, mecânica, material com uma coisa lógica, do software, programa, é muito legal, isso é muito apelativo.*

Rodolfo Caesar aponta para outras facetas desse interesse ou desinteresse. Qual é o papel de um/a compositor/a hoje? ... milhões de respostas a essa pergunta. O ateliê tem uma dimensão política. Como espaço interno, está sujeito apenas às próprias regras. O jogo de trocas simbólicas em torno do compor não parece ajudar o processo de criação de quem se importa com questões incontornáveis da arte contemporânea.

*... vejo, agora, não só a música eletroacústica, mas a atividade de compositor também, como uma coisa excessivamente datada! No século XXI, acho um anacronismo muito grande ainda termos uma atitude diante do mundo que quase sempre transparece um entendimento do século XIX. Daquela coisa do fazer, do skill, da habilidade técnica, da conquista estética, mas que tem muito pouco diálogo com o resto do universo, com o resto da sociedade, com o resto da política...*

Estão borradas as linhas que separam o que chamávamos de linguagens artísticas. Como nos comportamos agora? Insistindo em traçá-las. eu compo-nho, você não. Posso fazer arte, você deveria estar assistindo.

...

Podemos parar de insistir nisso? Talvez tentar ensinar aquilo que sabemos que podemos aprender. Simples e fascinante, toda a cultura em torno de sons no mundo. imensidão.

...

Proponho um ateliê conjunto praquelas/es que quiserem :) três exercícios para a imaginação, a serem feitos nesta sequência e com toda atenção a cada um deles. para que esgotemos as palavras e passemos a outra comunicação.

- imagine um objeto (sonoro, visual, tátil, olfativo, gustativo, que emerge da interação de diversos sentidos, ...)

- congele sua imagem mental (sonora, visual, tátil...) e explore em diferentes pontos e direções

- transforme-a

- faça novas transformações e volte ao estado inicial

- transponha a imagem a outro(s) domínio(s)

- observe um processo real

- quais as características das suas transformações?

- como podem ser descritas? (com e sem o uso de palavras)

- misture os dois exercícios acima

## diário

entrei pelas portas do conservatório da denise bem cedo, na curiosidade com os sons e ritmos da natureza. num estágio muito anterior ao dela, é claro, mas desenvolvi uma observação persistente. adolescente, queria compor com a sonoridade dos insetos noturnos e havia percebido o jogo das camadas de ciclos rítmicos não-estáveis e de alturas. ainda pequeno também, menor ainda, inventava pra mim mesmo exercícios de percepção. concentrar-me em fenômenos e observar seus detalhes, imitá-los, repetí-los, analisá-los, anotá-los, transformá-los mentalmente. fazia isso com zelo e organização de tarefas. as idas constantes a petrópolis, à mata, ao rio, às árvores, e o contato com outras culturas musicais, despertaram o interesse particular no som e no fazer da música ou da expressão humana com sons.

a experimentação com a voz e o corpo, o aprendizado de instrumentos como ritual de inserção em determinada cultura, as aulas de teoria musical (no colégio cruzeiro e na escola de música villa-lobos, rio de janeiro). essas últimas mostraram-me mais sobre a percepção e a maneira como nossas grades classificatórias do fenômeno sonoro funcionam. escalas simétricas, ritmos por divisão simétrica de uma pulsação controlada e discreta. sempre tive dificuldade com a grade, mas só fui perceber mais tarde o quanto isso era significativo. gostava dos batimentos gerados pela desafinação no coro ou de como a sonoridade do acorde maior se espalhava pela arquitetura quando a terça estava mais baixa, como a terça da série harmônica (desafinada, em relação ao temperamento). anotava essas coisas no meu ateliê. com 15 anos escrevi uma música pra conjunto de flautas doce (5 vozes) e oboé solo (com a sorte de ter um colega oboísta no grupo de flautas doce da escola!). graças à profa. ingrid preuss, ouvi minha peça ser ensaiada pelo grupo e resultar. nesse momento percebi com toda força que o ateliê que vinha montando na cabeça poderia ganhar matéria para além do meu corpo e foi emocionante.

ainda não chamava de ateliê, mas convivia com ele intensamente. isso continuou pelos anos, arrefecendo quando a vida profissional se tornou mais intensa. aos vinte e tantos anos, reclamava da falta de tempo para criar e o quanto isso me passava a sensação de estar perdendo tempo. um amigo me falou do ateliê: “abra ele todo dia, mesmo que seja por 10, 15 minutos. pense, leia, realize algo sobre o que está produzindo. não importa o que, mas faça isso todo dia.” era a fórmula pra não deixar o cotidiano forte de uma escola de educação básica engolir a produção artística. funciona pra mim.

# inside electrocamp: relato e entrevista com johann merrich e marianna andrigo

Isabel Nogueira e Luciano Zanatta

---

A chegada a Forte Marghera foi num ônibus que nos levou do aeroporto de Veneza a uma parada no meio de uma auto pista.

Patrizia Mattioli, uma das integrantes do selo Electronicgirls, viria nos buscar de carro, porque não sabíamos bem a distância entre a parada de ônibus em que estávamos (nós e quatro malas) e o local do festival e também não sabíamos – nem elas – dizer se havíamos descido na parada certa.

A viagem já tinha sido tão longa como deveria: sair de Porto Alegre para o Rio de Janeiro, do Rio para Roma, de Roma para Veneza, e depois de ônibus do aeroporto até esta parada no meio da estrada.

Setembro, final de verão, calor ainda, estávamos em Veneza mas não tínhamos visto os canais, as gôndolas, as pontes. Quando nos perguntavam onde seria o festival, dizíamos que, segundo o google maps, seria em algum lugar afastado, não exatamente em Veneza e ao lado de algum tipo de água (rio, lago, laguna, whatever).

O primeiro contato com Johann Merrich, nome artístico de Giulia Volpato, (inspirado por Joseph Merrick, que teve sua vida representada no filme

O Homem Elefante), tinha acontecido a partir de uma chamada do selo Electronicgirls para Pleiadi, uma obra coletiva realizada a partir de instruções verbais.

Ao menos meia hora esperando na estrada – tentando nos entender com Giulia pelo celular que cortava a ligação a todo momento, tentando explicar onde estávamos, identificar as redondezas para dar alguma informação útil – chega Patrizia.

Bagagem no carro, vamos finalmente. Descobrimos, então, que havíamos descido na parada certa e estávamos a menos de dez minutos de caminhada do Forte, se tivéssemos caminhado.

O lugar, Forte Marghera, é um antigo forte militar que hoje abriga lugares de exposição, ateliers, alguns restaurantes, e é uma espécie de parque onde as pessoas que moram em Veneza vem passear no final de semana. Depois do festival, quando fomos conhecer Veneza e conversamos com os que moram ali, vimos que, por trás das pontes idílicas e dos cenários de cinema, está uma cidade onde não entram carros (e bicicletas são proibidas), os moradores fazem a pé todas as suas tarefas cotidianas, a população não é maior do que duas Encruzilhada do Sul, os alagamentos são uma coisa que se convive de outubro a abril todos os anos e as pontes e as escadas são um desafio para quem carrega malas de equipamentos (ou compras de supermercado e móveis de mudança).

O festival ElectroCamp acontece em Forte Marghera, ao estilo de um acampamento imersivo, promovido pela Associação Live Arts Culture em parceria com netlabel Electronicgirls.

Nós e todos os 35 artistas participantes do festival ficamos alojados em um dos galpões antigos que eram parte do forte, onde a associação tem uma ocupação e fez o condicionamento dos espaços. Alojamento e salas de ensaio, cozinha, sala de convivência e uma sala para refeições.

Nos turnos da manhã e tarde aconteceram os workshops (de música, com Seijiro Murayama, de dança com Ronit Ziv), e a partir das 21h os

concertos, entremeados com live dos artistas do selo Electronicgirls e outros selos parceiros.

Como Forte Marghera é um espaço público onde aconteciam outros shows, pessoas circulavam, pediam informações, outras vezes o volume invadia os shows do Electrocamp, balizando aquela frase recorrente de “se fosse na Europa, isto não aconteceria”.

Sair à noite do lugar do alojamento, caminhar sem luz ate o lugar dos shows, andar pela beira do rio (ou lago, ou laguna, whatever), driblar os mosquitos, oferecer ajuda para organizar equipamentos ou refeições, tudo isso fez parte do festival também, assim como discutir o que significava musica popular, ou de concerto, ou estranha (whatever, de novo) para o contexto do Brasil, ou para o contexto da Eslovênia ou da Bósnia, fazia parte das conversas.

Além disto, ouvir o Velicon de Jasna Velickovic, as performances de Seiji-ro Murayama, o contrabaixo de Tomaz Grom (entre muitos outros), conversar sobre selos e festivais, e sobre o conceito adotado por Johann/Giulia, Marianna e Ilaria de que promover o trabalho de mulheres na cena eletrônica/experimental/estranha/investigativa não passa necessariamente pela não inclusão do trabalho dos homens.

Do site do selo:

We don't believe in the contemporary music market's rules. (...) Electronicgirls was born in 2010 as an innovative hub dedicated to the effort of women – from the past -and contemporary artists in the field of electronic music.

Electronicgirls believe that music has no sex.

Lançamos Lusque-Fusque pelo selo Electronicgirls e o show no festival foi também a estréia de um formato em duo (as versões anteriores eram no mínimo quarteto) e quadrafônico (um salve aqui para o Aldo Aliprandi, que fez a técnica).

Não teve pizza, somente quando fomos para Veneza, depois do festival para tocar no avantgarden (obrigada pela expressão, Henrique Iwao!) do Awai Associazione Culturale, onde precisamos inventar o PianissimoNoise, em função das restrições da vizinhança.

Daí sim, teve a Veneza dos canais, das pizzas, das (inúmeras!) pontezinhas, do passeio até Murano dos cristais, dos vaporettos (caros, tanto para turistas como para venezianos).

Vontade de voltar no ano que vem, com uma comitiva de brasileiros e brasileiras, como prometemos, mas vir com o projeto “show na mochila”, para evitar carregar as malas pelas pontezinhas.

## **Entrevista com Johann Merrich e Marianna Andrigo**

### *1. O que é o ElectroCamp Festival? Como começou e quais seus objetivos?*

Johann Merrich: ElectroCamp é uma plataforma internacional dedicada a novos sons e dança; é projeto de formação duplo, que promove workshops de música e dança e um festival que tem como objetivo apresentar ao público novas investigações em música e dança contemporâneas, descobrindo relações em desenvolvimento entre som e movimento. Foi organizado pela primeira vez em 2013 e acontece todo ano em setembro em Forte Marghera, Veneza, Itália.

Marianna Andrigo: o festival começou graças ao encontro entre eu, Aldo Aliprandi (artista com quem trabalho, juntos dirigimos C32 Espaço de Arte Performativa, em Forte Marghera, de 2012 a 2014, então criamos a associação Live ArtsCultures junto com as musicistas Electronicgirls) e Johann Merrich. A paixão por som e movimento nos fez trabalhar em conjunto, misturando linguagens e visões. A primeira edição foi realizada com um forte propósito educacional, 6 dias de workshops, então convidamos amigxs a apresentar seus

estudos e sugestões em torno do tema: som e movimento, de onde a criação começa?

**2.** *Qual a relação entre o netlabel Electronicgirls, a associação Live Arts Cultures e o festival?*

Johann Merrich: Electronicgirls é parte da Live Arts Cultures. Somos um netlabel independente e cooperamos dentro da Live Arts Cultures cuidando das ações musicais que acontecem através dos anos. O festival é apenas uma das expressões da nossa parceria. Ser um selo eletrônico nos ajuda a encontrar todo ano pessoas incríveis envolvidas nesse campo.

Marianna Andriago: Live Arts Cultures nasceu como uma colaboração concreta entre C32 (eu e Aldo Aliprandi) e três musicistas do selo Electronicgirls (Marta Marotta, Cristina Pacquola, Johann Merrich). Primeiro nos encontramos como artistas, trabalhamos juntos em performances e nos tornamos tão próximos que começamos a dirigir C32 em conjunto, realizando seus programas como parte do nosso trabalho artístico. Essa é a razão porque Live Arts Cultures é principalmente dedicada a som e movimento, coreografia, experimentação sonora. C32 é um espaço para produção, residências, workshops, por essa razão quisemos criar um festival: encontrar público, fazer as pessoas conhecerem o que fazemos, nós e xs artistas que convidamos. Abrir a porta!

**3.** *O festival acontece sempre aqui, em Forte Marghera? Como você pensa que este lugar condicionou o festival a ser como é?*

Johann Merrich: desde a primeira edição, o festival foi sempre planejado e realizado em Forte Marghera, que é também nosso “quartel general”. Claro que essa locação é muito importante, primeiro de tudo, porque temos no lugar todo o equipamento que precisamos. Forte Marghera é uma área maravilhosa, mas acima de tudo é um ponto de junção entre Veneza e o continente, um lugar apto a atrair muitas e diversas pessoas. Esperamos continuar lá nosso projeto,

com vontade de desenvolver a paisagem cultural geral da região, a qual está, nesse momento, muito deprimida.

Marianna Andrigo: Forte Marghera é aberto para todo mundo, é natureza, verão, animais, é um espaço público onde você pode se esconder, é comida e bebida, é água; tudo o que podemos pensar é que as pessoas vão gostar do lugar. Espero que possamos continuar trabalhando em Forte Marghera. A paisagem, penso, faz as pessoas se sentirem livres, confortáveis, em casa... e eu gosto muito disso.

*4. Como é o processo de curadoria do festival? Como vocês escolhem e convidam artistas?*

Johann Merrich: caminhos diferentes levam artistas ao ElectroCamp.

Como parte do Electronicgirls, eu cuido principalmente das contribuições musicais, embora costumemos decidir em conjunto quem será parte de cada edição. Como pesquisadora, procuro pessoas que estejam introduzindo inovações na nossa linguagem ou processos de trabalho incomuns. Podemos colaborar com artistas que venham através do selo ou podemos decidir entrar em contato com pessoas que não conhecemos mas que trabalham de maneiras novas e interessantes, fazendo realmente pesquisa na nossa disciplina. Algumas vezes pessoas nos enviam projetos brilhantes, outras vezes decidimos convidar alguém que lançou música com Electronicgirls e assim por diante...

Marianna Andrigo: para convidar facilitadorxs de workshops de dança, eu busco por alguém que eu conheça ou que eu possa encontrar e estudar com ela/ele antes do ElectroCamp, para saber o que vamos oferecer para xs participantes. Como performer, experimento antes e então faço um convite compartilhando com Johann minha sugestão. Sobre artistas, lidamos com o espaço e o dinheiro que temos, recebemos artistas em residência, convidamos performers de cujo trabalho gostamos e especialmente levamos em consideração que ação-som-espaço devem ter o mesmo nível de cuidado.

5. *Vocês estão preocupadas especificamente com a presença de mulheres no festival?*

Johann Merrich: Eu nunca tive a ideia de fazer uma lineup feminina no ElectroCamp... mas isto pode acontecer, falando sobre as contribuições musicais, em 2015 tivemos como artistas convidados: Caterina Barbieri, PschPshit, Patrizia Oliva, IOIOI, Phlox, BEA, Chironomia, EmanueleWiltsh, Patrizia-Mattioli, Kalalunatic, Von Tesla e Solar Plex (cinco homens versus 12 mulheres); este ano – 2016 – tivemos o prazer de trabalhar com Giulia Vismara, Isabel Nogueira & Luciano Zanatta, JasnaVelicovic, PatriziaMattioli, Carlo Siega, Mario Mariotti & Elia Moretti (quatro homens e quatro mulheres...)... tudo acontece por acaso. Em minha opinião, musicistas são musicistas e música é música... Eu não me preocupo se a compositora é uma mulher, um homem, um gato ou um alien... Eu me preocupo apenas com a qualidade da pesquisa.

Marianna Andriago: não.

6. *ElectroCamp é um festival majoritariamente organizado por mulheres, como vocês acham que isto influencia a organização do festival?*

Johann Merrich: eu não penso se isto influencia o festival ou não. Eu realmente não penso sobre meus colegas como mulheres ou homens, eu penso no nosso grupo apenas como seres humanos lutando para movimentar cultura e experimentações no nosso país, que é quase um lugar morto para cérebros preguiçosos.

Marianna Andriago: a casa está sempre limpa e o lixo está na rua... brincando...

7. *Contem um pouco sobre seus trabalhos individuais durante o ano – os organizadores, como se relacionam com as atividades do festival?*

Johann Merrich: todos os que trabalham na organização do ElectroCamp são artistas, por esta razão, durante o ano nós desenvolvemos nosso trabalho buscando novas formas para expressar os temas que nos interessam, trabalhan-

do encontramos novos parceiros e este tipo de sinergia está absolutamente refletido no programa do Festival...

MariannaAndrigo: ElectroCamp é uma parte da nossa prática artística. Pessoalmente, continuo estudando, dou aulas, trabalho como bailarina para outros projetos, leio e observo... Organizar o festival é uma forma de expressar o que precisamos, o que fazemos. Precisamos de momentos para encontrar-nos uns aos outros, para fazer brilhar nosso cérebro, para treinar o coração..não apenas estar no estúdio. Artes performáticas são um perfeito equilíbrio entre o dentro e o fora, e desejamos criar ocasiões e lugares para nossa cidade, amigos, jovens artistas... pessoas – espaço – ideias.

*8. O que vocês imaginam para o festival no futuro, para os próximos cinco anos, por exemplo?*

Johann Merrich: estamos trabalhando duro para obter o que merecemos: ser vistos como uma atividade importante pelas principais instituições de nosso país. Precisamos de mais meios para continuar fazendo o ElectroCamp possível, precisamos de financiamentos, precisamos de um lugar estável para estar e trabalhar, precisamos de conexões com pessoas que desejem contribuir com nosso projeto. Se alguém ao redor do mundo estiver interessado em nosso projeto, por favor, venha até a gente, grite, toque nossa porta, toque os sinos... quero dizer: faça alguma coisa e estaremos mais do que felizes de buscar formas e desenvolver novos projetos de cooperação.

Marianna Andrigo: crescer com honestidade e qualidade. Desenvolver a nós mesmos e nossos projetos de uma forma ao mesmo tempo sonhadora e realista.

### **English translation**

1. What is the Electro Camp Festival? How did it started and what is its intention?

Johann Merrich: Electro Camp is an international platform dedicated to new sounds and dance; it's a double training project that provides workshops on music and dance and a festival aimed to present to the public new investigations toward contemporary music and dance, discovering ongoing relationships between sound and movement. It has been organized for the first time in 2013 and it takes place every year in September at Forte Marghera, Venice, Italy.

Marianna Andriago: it started thanks to the meeting between me, Aldo Aliprandi (artist I work with, together we managed C32 performing art work space, in Forte Marghera, from 2012 to 2014, then we created Live arts cultures association together with electronicgirls musicians) and Johann Merrich. The passion for sound and movement made us working together mixing languages and visions. The first edition was made with a strong educational purpose, 6 days workshop, then we invited friends to present their studies and suggestions around the theme: sound and movement relation, where the creation starts from?

2. What's the relation between Electronic Girls netlabel, Live Arts Culture and the Festival?

Johann Merrich: Electronicgirls is part of Live Arts Cultures. We are an independent net label and we cooperate within Live Arts Cultures in taking care of the musical efforts happening during the years. The Festival is only one of the expressions of our partnership. Being an electronic label helps us to find out every year precious people involved in this field.

Marianna Andriago: Live arts cultures was born as a concrete collaboration between C32 (me and Aldo Aliprandi) and three musicians of electronicgirls (Marta Marotta, Cristina Pacquola, Johann Merrich). We met as artists first, we worked on performances together and we became so close that we started to manage C32 together making its program as a part of our artistic work. That's

the reason why Live arts cultures is mostly dedicated to sound and movement, choreography, sound experimentation. C32 is a space for production, residencies, workshop...that's the reason we wanted to create a festival..to meet audience, to let people know about what we do and about artists we invite...to open the door!

3. Is the festival always organized here, at Forte Marghera? How do you think that this place made the festival as it is?

Johann Merrich: since the first edition, the Festival has always been planned and made in Forte Marghera, which is also our "head-quarter". Of course, this location is very important; first of all, because we have on place all the equipment we need. Forte Marghera is a beautiful area, but above all is a junction point between Venice and the mainland, a place able to attract many and different people. We hope to continue there our project with the will of develop the main cultural landscape of the area, which is, right now, quite depressed.

Marianna Andriago: Forte Marghera is open for everybody, it's nature, it's summer, it's animals, it's a public space where you can also hide yourself, it's food and drinks, it's water....all what we need to think that people will enjoy it and I wish we can continue to work at Forte Marghera. The landscape, I think, make people feel free, comfortable, at home....and I like that very much

4. How is the process of curatorship of the festival? How do you choose and invite the artists?

Johann Merrich: different paths are leading artists to Electro Camp; as part of electronicgirls, I mainly take care about the musical contributions, but event thou, we are used to decide together who will be part of each edition. As a researcher, I look for people who are introducing innovations in our language or unusual working processes. We can cooperate with artists that came across the label or we can decide to get in contact with unknown people who are working in interesting and new ways, making a real research in our discipline.

Sometimes people send us brilliant projects, other times we decide to guest someone who already released music with electronicgirls and so on...

Marianna Andriago: To invite the facilitator of dance workshop, I look for a person I know or I can meet and study with her/him before Electro Camp..in state to know what we will give to participants. As performer, I taste first, then I make an invitation sharing with Johann my suggestion.

About artists, we deal with space and money we have, we welcome artists we had in residency, we invite performers we like their work and especially we take in consideration that action –sound – space has to have the same level of care.

5. Are you specific concerned about the female presence at the festival?

Johann Merrich: I never had the idea to make an all-female-line-up at Electro Camp... but it might happen; speaking about the musical contributions, in 2015 we had as guest musicians: Caterina Barbieri, PschPshit, Patrizia Oliva, IOIOI, Phlox, BEA, Chironomia, Emanuele Wiltsh, Patrizia Mattioli, Kalalunatic, Von Tesla and Solar Plex (5 men VS 12 women); this year – 2016 – we had the pleasure to work with Giulia Vismara, Isabel Nogueira&Luciano Zanatta, JasnaVelicovic, Patrizia Mattioli, Carlo Siega, Mario Mariotti&Elia Moretti (4 men and 4 women...)... Everything happens by chance. In my opinion, musicians are musicians and music is music... I don't care if the composer is a woman, a man, a cat or an alien... I just care about the research's quality.

Marianna Andriago: no

6. Electro Camp is a festival mostly organized by women, how do you think it influences the festival organization?

Johann Merrich: I don't know if this is influencing the Festival or not. I really don't think about my colleagues as women or men, I just think about us as human beings struggling to bring culture and experimentations in our country, which is almost a dead place for lazy brains...

Marianna Andrigo: the house is always clean and the waste is brought out.....joking.....

7. Tell me about your individual works by the year(the organizers), how it could be related with the activities of the festival?

Johann Merrich: everyone who works in the organization of electro camp is an artist; for this reason, during the year we develop our works finding out new ways to express issues we care; by working, we meet new colleagues and this kind of synergies are absolutely reflecting themselves on the Festival program...

Marianna Andrigo: Electro Camp is a part of our artistic practice. Personally I continue to study, I teach, I work as dancer for other projects, I read and watch...To organize the festival it's a way to say out what we need, what we do. We need occasions to meet each other, to make our brain brilliant, to train heart..no just to be in studio. Performing arts are a perfect balance between in and out and we wish we are creating occasions to our cities, friends, young artists..people – space –ideas.

8. What do you project about the festival for the future, the next five years, for example?

Johann Merrich: we are working hard to obtain what we deserve: to be seen as an important activity by the main institutions of our country. We need more ways to make Electro Camp possible; we need funds, we need a stable place to be and to work, we need connections with people willing to contribute in our project. If someone around the world is interested in us, please, knock our door, scream, ring the bells... I mean: do something and we'll be more than happy to find a way and raise a new cooperation!

Marianna Andrigo: to grow with honesty and quality. To develop us and our project as dreamers and realistics.

*Publicado originalmente em formato virtual (website) no dia 24 de outubro de 2016*

### **Sobre a linda**

A revista digital linda foi criada em 2014 como parte das atividades coordenadas pelo coletivo de música eletroacústica NME, ativo entre 2011 e 2018. Ao longo de mais de 50 edições, a revista reuniu autores de diversas regiões do Brasil e do exterior em torno do que se buscava caracterizar como uma cultura musical eletroacústica. Além de funcionar como um veículo de comunicação e espaço criativo de experimentação artística para os membros do coletivo, a revista buscou criar interlocução entre as cenas de música experimental de diferentes regiões do país, expandindo sua rede de colaboradores para além do estado de São Paulo. Por razões técnicas a linda foi retirada do ar em 2021. Com este projeto de reedição, a enorme quantidade de textos produzidos torna-se novamente acessível ao público em geral.

**Coordenação Geral:** Gustavo Branco, Julia Teles e Fernando Iazzetta

**Diagramação:** Elisa Bosso Fernandes e Ana Clara Gimenez

**Apoio:** NuSom e Berro

**NUSom**  
NÚCLEO DE  
PESQUISAS EM  
SONOLOGIA

**BERRO**